

Investigação científica e uso clínico da quina em Portugal na transição do século XVIII para o século XIX

Maria Guilherme Semedo (*), Ana Leonor Pereira () e João Rui Pita (***)**

(*) orcid.org/0000-0002-3906-9748. Faculdade de Farmácia; CEIS20 – Universidade de Coimbra. maria.guilherme@gmail.com

(**) orcid.org/0000-0003-3581-1359. Faculdade de Letras; CEIS20 - Universidade de Coimbra

(***) orcid.org/0000-0003-2851-337X. Faculdade de Farmácia; CEIS20 - Universidade de Coimbra

Dynamis

[0211-9536] 2023; 43 (2): 505-531

<http://dx.doi.org/10.30827/dynamis.v43i2.29447>

Fecha de recepción: 12 de mayo de 2022

Fecha de aceptación: 31 de julio de 2023

SUMÁRIO: 1.—Introdução. 2.—A investigação sobre a atividade terapêutica de medicamentos com quina. 3.—A pesquisa sobre a atividade terapêutica da quina e seus possíveis substitutos. 4.—Aplicação clínica da quina em Portugal no primeiro quartel do século XIX descrita em periódico científico e sua prescrição médica no Hospital da Universidade de Coimbra (séculos XVIII-XIX). 5.—Conclusões.

RESUMO: A quina, uma casca de árvores nativas da América do Sul do género Cinchona com propriedades antimaláricas, tem um importante lugar na história da medicina e da farmácia. Possivelmente já conhecida pelos espanhóis no século XVI, foi usada na terapêutica pela sua atividade febrífuga, estabelecendo-se como tratamento para as febres intermitentes nos séculos XVIII e XIX. Este artigo pretende avaliar a receção da quina em Portugal no último quartel do século XVIII e no primeiro quartel do século XIX através do estudo de obras portuguesas que descrevem pormenorizadamente as aplicações terapêuticas da quina, do estudo de uma publicação periódica médica, o *Jornal de Coimbra* e do estudo de receituário médico. Em Portugal, a quina foi também utilizada pela sua ação febrífuga, tendo sido publicadas várias obras descritivas da sua atividade terapêutica quer nas febres intermitentes, quer em doenças como a gota ou na gangrena. No periódico científico português *Jornal de Coimbra* (1812-1820) foram publicados, por indicação governamental, relatos de médicos de todo o país sobre as doenças existentes nas localidades em que exerciam e respetivo tratamento utilizado. Através da leitura desta publicação, verifica-se que a quina era um tratamento generalizado e normalmente eficaz para as febres intermitentes. No tratamento das febres intermitentes, a quina era geralmente associada a outros medicamentos como os eméticos. A quina foi também a droga mais prescrita num estudo de caso compreendendo 1954 receitas médicas. Foi prescrita por 434 vezes, entre 1779 e 1825, em receitas preparadas pelo Dispensatório Farmacêutico do Hospital da Universidade de Coimbra. Os relatos publicados no *Jornal de Coimbra* sobre a aplicação clínica da quina, e a percentagem elevada de receitas em que esta foi prescrita comprovam a sua importância na terapêutica em Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: quina, Portugal, história da medicina, terapêutica, séculos XVIII-XIX.

KEYWORDS: cinchona bark, Portugal, history of medicine, therapeutics, 18th century-19th century.

1. Introdução

A quina, uma casca de propriedades antimaláricas, é obtida de árvores do género *Cinchona*, nativas de vários países da América do Sul (Peru, Bolívia, Equador, Colômbia e Venezuela)¹. Foi conhecida por numerosos nomes comuns como quina do Peru, quina peruviana, casca peruviana, pó dos Jesuítas ou pós da condessa, *quarango* ou *quina quina*. Os jesuítas tiveram um papel importante na sua divulgação terapêutica² e avaliação clínica, e promoveram o seu comércio. Talvez já fosse conhecida por autores espanhóis no século XVI³ mas a sua exportação para a Europa terá ocorrido apenas em meados do século XVII. A quina foi aplicada no tratamento de numerosas febres. Foi também utilizada em doenças como a gota, ou o tifo, e no campo da obstetrícia. A atividade da quina nas chamadas febres intermitentes (também designadas em Portugal como sezões) foi-se consolidando, tornando-se num tratamento específico para esse tipo de febres⁴.

Em 1742 Linnaeus (1707-1778) nomeia o género *Cinchona*⁵, e em 1753 designa a espécie *Cinchona officinalis*⁶, à qual se juntariam numerosas outras

-
1. Aloísio Fernandes Costa, *O Problema das Quinas* (Lisboa: Cosmos. Biblioteca Cosmos, 1944), 16. Em todas as transcrições mantivemos a grafia da época.
 2. "Observações anónimas (1) sobre um artigo do investigador n.º LXVI. pag. 172, quem tem por título Exposição Dos Novos Progresos Que Fizerão as Sciencias Physicas," *Jornal de Coimbra* 10, no. 53, pt. 1 (1817): 289-314, 298.
 3. Fernando Ortiz Crespo, "Monardes y Fragoso: Dos Protobotánicos Del Siglo XVI Que Se Ocuparon de Las Plantas Del Nuevo Mundo y Las Implicaciones de Sus Escritos Sobre La Introducción Europea de La Corteza Del Árbol de 'Quina' (Cinchona)," in *Uso y Manejo de Recursos Vegetales. Memorias Del Segundo Simposio Ecuatoriano de Etnobotánica y Botánica Económica*, eds. Montserrat Rios and Henrik Borgtoft Pedersen (Quito: Ediciones Abya-Yala, 1997), 347-60, 347; María Luísa Andrés Turrión, "Las Polémicas de La Quina," in *Ciencia y técnica en Latinoamérica en el período virreinal. Vol. 1*, ed. Javier Puerto Sarmiento (CESCE, 2005), 127-49, 133.
 4. G. Gachelin et al., "Evaluating Cinchona Bark and Quinine for Treating and Preventing Malaria," *Journal of the Royal Society of Medicine* 110, no. 2 (2017): 73-82, 73.
 5. Carl Linnaeus, *Genera Plantarum*, 2nd ed. (Lugduni Batavorum: apud Conradum Wishoff, et Georg. Jac. Wishoff, 1742), 527.
 6. C. Linnaeus, *Species Plantarum: exhibentes plantas rite cognitatas ad genera relatas. Tomo I* (Holmiae: L. Salvii, 1753), 172.

espécies no decorrer dos séculos XVIII e XIX, na sequência de várias expedições botânicas à América do Sul⁷.

Com a evolução da química e a identificação de princípios ativos nas plantas, a pesquisa dos componentes ativos da quina tornou-se um campo apetecível para experiências científicas realizadas por químicos, médicos, etc. Procurava-se identificar o ou os constituintes que lhe conferiam atividade contra a febre⁸. Destas experiências surgiram teorias diversas. Vários cientistas atribuíram a atividade febrífuga da quina a diferentes substâncias que nela identificaram. Em 1803 o médico escocês Andrew Duncan Junior (1773-1832) identificou na quina uma substância que designou de cinchonino (“cinchonin”)⁹. O médico, químico e botânico português Bernardino António Gomes isolou depois esta substância em 1810, mantendo o nome de cinchonino atribuído por Duncan Junior¹⁰. Para Gomes o cinchonino poderia ser a substância responsável pela atividade da quina contra a febre.

O químico e professor da Universidade de Coimbra, Thomé Rodrigues Sobral (1759-1829), após vários anos dedicado ao estudo químico da quina, por atribuição do governo português, concluiu que era a junção de todos ou de alguns dos seus componentes, atuando em conjunto, que a faziam febrífuga¹¹. Este químico esperava que no futuro fosse também possível “compôr (...) uma boa quina artificial”¹². Para Sobral a quina era “empregada como o mais poderoso febrífugo, anti-periodico, anti-septico”¹³ e “um medicamento que todos os dias vemos aplicar sem outro conhecimento da sua natureza mais que o nominal; e sem outro guia mais que um quasi puro empirismo”.

7. Costa, *O Problema das*, 16.

8. Maria Guilherme Semedo, and João Rui Pita, “L’isolement de la cinchonine par Bernardino António Gomes (1768-1823) et l’importance de la science française dans la diffusion de sa découverte,” *Revue d’histoire de la Pharmacie* LXVIII, no. 408 (2020): 423-432.

9. Andrew Duncan Junior, “Letter from ANDREW DUNCAN, M. D. F. R. S. E. containing experiments and observations on cinchona, tending particularly to shew that it does not contain gelatine,” *Nicholson’s Journal* 6 (1803): 225-228.

10. Bernardino António Gomes, “Ensaio sobre o cinchonino, e sobre a sua influencia na virtude da quina, e d’outras cascas,” in *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Tomo 3. Parte 1* (Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, 1812), 201-16; Semedo, and Pita, “L’isolement de la cinchonine,” 423-432.

11. Thomé Rodrigues Sobral, “Memória sôbre o principio febrifugo das quinas,” *Jornal de Coimbra* 15, no. 82, pt. 1 (1819): 126-153, 135.

12. Sobral, “Memória sôbre o,” 136.

13. Thomé Rodrigues Sobral, “Reflexões geraes sôbre as difficuldades de uma Boa Análise, principalmente Vegetal, para servirem de resposta a uma pergunta, que se-fez ao author Dr. Thomé Rodrigues Sobral,” *Jornal de Coimbra* 7, no. 36, pt. 1 (1814): 251-266, 263.

Segundo Sobral, apesar do “que de meio seculo a ésta parte se-tem feito ácêrca d’analyse das substâncias de todos os tres reinos, e muito especialmente do reino vegetal” ainda não se sabia “de que principios a quina é verdadeiramente composta”¹⁴ ou qual era a preparação de quina mais eficaz¹⁵.

Em 1820, os químicos franceses Joseph Pelletier (1788-1842) e Joseph-Bienaimé Caventou (1795-1877) isolaram a quinina a partir da quina¹⁶ e sugeriram a mudança do nome do cinchonino para cinchonina (por terem constatado que o cinchonino era uma base). A quinina também foi usada em numerosas doenças, nomeadamente no domínio da otologia¹⁷. O estudo da quina levou à identificação de várias outras substâncias, como os alcaloides quinidina (mais tarde usada como antiarrítmico e antimalárico) e cinchonidina¹⁸.

Este artigo enquadra-se num projeto de investigação mais vasto sobre a receção da quina e da quinina em Portugal. Tem como objetivo a avaliação da receção da quina em Portugal, no último quartel do século XVIII e primeiro quartel do século XIX, em obras portuguesas que focassem as suas aplicações terapêuticas, numa revista científica (*Jornal de Coimbra*) e em receituário médico. Pretende também abordar estudos clínicos portugueses sobre a quina e seus possíveis substitutos, realizados designadamente no Hospital da Universidade de Coimbra.

2. A investigação sobre a atividade terapêutica de medicamentos com quina

As funções terapêuticas da quina e de medicamentos preparados com quina estão descritas com pormenor em algumas obras farmacêuticas e médicas¹⁹.

14. Sobral, “Memória sôbre o,” 127.

15. Sobral, “Memória sôbre o,” 127-128.

16. Pelletier, and Caventou, “Des recherches chimiques sur le Quinquinas,” *Annales de Chimie et de Physique* 15 (1820): 289-318; 337-365.

17. Maria Guilherme Semedo *et al.*, “Quinine in otology and neurotology: ototoxicity and historic role in therapy” *Otology & Neurotology* 42, no. 1 (2021): 145-152, <https://doi.org/10.1097/MAO.0000000000002809>

18. Semedo *et al.*, “Quinine in otology,” 145.

19. Contudo, não são abundantes as obras portuguesas para esta cronologia onde se descreva com pormenor as propriedades terapêuticas da quina e seus medicamentos. Porém, são muitas as que referem a quina e as suas aplicações de um modo muito sintético. Nessa

A *Pharmacopea chymica, medica, e chirurgica*²⁰, da autoria do conhecido boticário português António José de Sousa Pinto (1777-1853) contém várias fórmulas de medicamentos com quina e a sua atividade terapêutica. Sousa Pinto publicou várias obras ligadas à farmácia e foi também produtor de um vinho medicinal à base de quina famoso em Portugal, a Água de Inglaterra²¹. Segundo Sousa Pinto, a quina era um fortificante a par da cascarilha, e das preparações “marciaes” e estes eram indicados

[...] quando a debilidade do systema nervoso se junta á atonia, e a huma excessiva irritabilidade: (...) quando hajão constipação, ou evacuações demaziadas, que provenhão da mesma causa: (...) nas febres, particularmente nas intermitentes, se antecedentemente houverão as evacuações necessarias²².

A quina é também apresentada nessa obra como um febrífugo e como um antisséptico. As suas preparações eram recomendadas “nas febres, na debilidade dos nervos depois de molestias chronicas, nas poluções involuntarias, no rheumatismo, na tosse, na tísica, na gangrena, nas hemorragias, e em todas as molestias, que provem de atonia”²³, bem como “nas febres malignas, na diminuta circulação dos humores”²⁴, “nas febres quartãs, e terças”²⁵, nas febres “intermitentes (...) nas lentas, nervosas, e putridas, especialmente quando declinão”²⁶, “na declinação da febre maligna, quando o pulso está abattido, a voz fraca, e a cabeça affectada de estupor, e delirio”²⁷, “contra o

medida, foi feita uma seleção de obras que nos pareceram as mais completas nessa matéria para a cronologia em questão.

20. António José de Sousa Pinto, *Pharmacopea chymica, medica, e chirurgica, em que se expõem os remedios simples, e compostos, suas virtudes, preparação, doses, e molestias, a que são applicaveis* (Lisboa: Impressão Regia, 1805).
21. A designação deste medicamento advém de ter sido inicialmente produzido em Inglaterra (nomeadamente pelos médicos portugueses Fernando Mendes – que terá vendido a sua fórmula ao rei de Portugal – e Jacob de Castro Sarmiento) e depois exportado para Portugal (José Pedro Sousa Dias, *A Água de Inglaterra. Paludismo e Terapêutica em Portugal no século XVIII* (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2012, 15). Era, contudo, um medicamento de fabrico português.
22. Pinto, *Pharmacopea chymica*, 25.
23. Pinto, *Pharmacopea chymica*, 328.
24. Pinto, *Pharmacopea chymica*, 263.
25. Pinto, *Pharmacopea chymica*, 272.
26. Pinto, *Pharmacopea chymica*, 285.
27. Pinto, *Pharmacopea chymica*, 295.

sphacelo, e gangrena”²⁸, nas “ulceras antigas”²⁹, “na esquinencia maligna, quando apparecem indícios de gangrena”³⁰, “nas ulceras, feridas, e chagas, que tem partes gangrenosas”³¹, no “escorbuto da bocca corroborando, e firmando os dentes abalados, para impedir a fluxão escorbutica das gengives”, na limpeza dos “dentes tirando-lhes o muco tartaroso”³², “na dysenteria, na diarrhea, e na debilidade das visceras do estomago, e do baixo ventre”³³, nas “obstrucções, em oppressões de peito, nas debilidades de estomago, e nervos”³⁴, “na convalescença de quaesquer febres” e “nas más digestões”³⁵. Nesta obra de orientação declaradamente galenista verificamos que as indicações de aplicação da quina eram múltiplas.

Na *Pharmacopea Naval, e Castrense*³⁶, da autoria do cirurgião militar Jacinto da Costa (1770-1850?) as fórmulas com quina são também aconselhadas em várias doenças e sintomas, designadamente nas febres “intermittentes, nervosas”³⁷, “remittentes”,³⁸ “adynamicas”, “typhoideas”³⁹ e “putridas, particularmente dos infantes”⁴⁰; na prevenção “das febres perniciosas, tão frequentes na estação das chuvas”⁴¹; na “convalescença das enfermidades agudas, e affecções escorbuticas; nos ultimos periodos das gonorrhœas, e fluxos alvos entretidos por summa debilidade”⁴²; na dispepsia, para a “debilidade do aparelho digestivo, e conducto intestinal”⁴³; nas “hemorragias passivas pulmonares, e hemorrhoidaes; em todas as diarrheas, particularmente nas provenientes da diathese escorbutica”⁴⁴; na gota; “no estado atonico do estomago, e conducto intestinal consecutivo ás febres gástricas ou biliosas,

28. Pinto, *Pharmacopea chymica*, 158.

29. Pinto, *Pharmacopea chymica*, 175.

30. Pinto, *Pharmacopea chymica*, 225.

31. Pinto, *Pharmacopea chymica*, 257.

32. Pinto, *Pharmacopea chymica*, 259-260.

33. Pinto, *Pharmacopea chymica*, 271.

34. Pinto, *Pharmacopea chymica*, 285.

35. Pinto, *Pharmacopea chymica*, 291.

36. Jacinto da Costa, *Pharmacopea Naval, e Castrense. Tomo II* (Lisboa: Impressão Regia, 1819).

37. Costa, *Pharmacopea Naval*, 118.

38. Costa, *Pharmacopea Naval*, 199.

39. Costa, *Pharmacopea Naval*, 207.

40. Costa, *Pharmacopea Naval*, 211.

41. Costa, *Pharmacopea Naval*, 375.

42. Costa, *Pharmacopea Naval*, 216.

43. Costa, *Pharmacopea Naval*, 215.

44. Costa, *Pharmacopea Naval*, 126.

e às febres typhoideas⁴⁵; nas “gangrenas, e nos tumores edematosos”⁴⁶; nas “grandes contusões”; e “nos tumores atonicos”⁴⁷. A quina faz também parte de uns pós dentífricos para limpeza dos dentes, firmeza das gengivas e bom hálito. Segundo o autor, as virtudes da quina eram a sua atividade febrífuga muito eficaz, a ação tónica, antipútrida, e excitante do apetite. Também nesta obra, as indicações terapêuticas da quina são bastante diversificadas.

Francisco Tavares (1750-1812), médico e professor da Universidade de Coimbra, físico-mor do Reino, e um dos principais referentes na literatura portuguesa sobre matéria médica e arte farmacêutica de finais do século XVIII em Portugal, escreveu duas obras sobre a utilização terapêutica da quina no tratamento da gota – *Observações, e reflexões sobre o uso proveitoso, e saudavel da quina na gota* (1802)⁴⁸ e *Manual de gotosos e de rheumaticos: para uso dos próprios enfermos* (1810)⁴⁹. São duas obras onde se trata da aplicação da quina nas doenças reumáticas. Constituem um conjunto de recomendações sustentadas em experiências clínicas. A obra de 1802 teve um relevante acolhimento na comunidade científica internacional tendo sido traduzida em algumas das suas partes para francês⁵⁰ e para inglês⁵¹, salientando-se a inovação que a investigação concedia para o tratamento da gota⁵².

Em 1815, o médico e boticário português Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1752-1829), considerado como o principal divulgador científico de medicina, farmácia, química e botânica em Portugal, publicou uma obra sobre a Água de Inglaterra. A obra foi reimpressa em 1816⁵³ e 1828 o que

45. Costa, *Pharmacopea Naval*, 206.

46. Costa, *Pharmacopea Naval*, 236.

47. Costa, *Pharmacopea Naval*, 240.

48. Francisco Tavares, *Observações e reflexões sobre o uso proveitoso e saudavel da quina na gota* (Lisboa: Regia Officina Typografica, 1802). Veja-se um estudo sobre esta obra em João Rui Pita, *Farmácia, medicina e saúde pública em Portugal (1772-1836)* (Coimbra: Livraria Minerva, 1996), 531-544.

49. Francisco Tavares, *Manual de gotosos e de rheumaticos para uso dos próprios enfermos* (Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1810).

50. Alphonse Leroy, *Manuel des goutteux et des rhumatisans, ou recueil de remèdes contre ces maladies. seconde édition, augmentée de la traduction de l'ouvrage du Docteur Tavares, sur un art nouveau de guérir les paroxismes de la goutte; et de la preuve qu'elle siège primiti*. 2nd ed. (Paris: Méquignon, 1805).

51. Joseph Adams, “Dr. Tavares, on Peruvian Bark in Gout,” *The Medical and Physical Journal* XI, no. LXVI (1804): 141-161.

52. Adams, “Dr Tavares,” 161; Leroy, *Manuel des Goutteux*, 11.

53. M. J. H. de P[AIVA], *Memoria sobre a excellencia, virtudes, e uso medicinal da verdadeira agua de inglaterra da invenção do Dr. Jacob de Castro Sarmento* (Lisboa: Impressão Regia, 1816).

pode mostrar o seu interesse. Neste livro Paiva enuncia as utilizações terapêuticas da Água de Inglaterra e recomenda a sua aplicação em numerosas febres, incluindo as febres intermitentes, mas também na gota, dores reumáticas, dispepsia “de Cullen”⁵⁴, asma, gangrena, cólera, disenteria, “dôres do canal alimentoso”⁵⁵, “hysterismo”⁵⁶, “hypochondria”⁵⁷, hemorragias, aftas e chagas, escorbuto, anorexia, no “fluxo profuso e chronico de urina chamado *diabetes*”⁵⁸, na enurese, nalgumas tosses, e na prevenção do aborto. No tratamento destas patologias e sintomas com a Água de Inglaterra, Paiva recomendava frequentemente a associação com outros medicamentos ou o recurso à sangria. Mais uma vez nesta obra é retratada com pormenor a versatilidade terapêutica da quina.

3. A pesquisa sobre a atividade terapêutica da quina e seus possíveis substitutos

Embora não existam espécies do género *Cinchona* no Brasil, várias plantas brasileiras têm o nome comum de quina⁵⁹, possivelmente devido às analogias terapêuticas com a verdadeira quina. Na obra *Quinografia Portuguesa* (1799) o Frei José Mariano Velloso apresentou várias informações para auxiliar a descoberta de quininas em território brasileiro. Terão também sido remetidos o “desenho e a descrição da árvore de quina” para “generais e comandantes dos distritos de várias capitánias” no Brasil⁶⁰. No território brasileiro foram identificadas supostas quininas verdadeiras e cascas análogas em vários locais⁶¹, designadamente a chamada quina do Rio de Janeiro. Em Portugal, no dealbar do século XIX, foi ordenado pelo governo o estudo químico e clínico da quina, bem como de possíveis substitutos existentes nas colónias

54. Paiva, *Memoria sobre a excellencia*, 29.

55. Paiva, *Memoria sobre a excellencia*, 31.

56. Paiva, *Memoria sobre a excellencia*, 34.

57. Paiva, *Memoria sobre a excellencia*, 38.

58. Paiva, *Memoria sobre a excellencia*, 19.

59. Gustavo Pereira Cosenza, “Quinas amargas brasileiras: histórico, perfil fitoquímico e atividade antihiperlipidêmica e antihiperlipidêmica,” (Phd. Diss, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015), 34.

60. Vera Regina Beltrão Marques, *Natureza em Boiões: Medicinas e boticários no Brasil setecentista* (Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória-Unicamp, 1999) 132.

61. Marques, *Natureza em Boiões*, 132-134.

portuguesas da época, como o Brasil⁶². Por várias vezes foram emitidas instruções governamentais a respeito do exame clínico e químico da quina (normalmente designada quina do Peru) e de cascas brasileiras que talvez pudessem substituí-la. Os estudos clínicos foram executados nomeadamente em hospitais militares e no Hospital Real da Universidade de Coimbra. A 22 de Setembro de 1804 foi promulgada uma carta régia que autorizava o físico-mor Francisco Tavares a

[...] mandar proceder em todos os Hospitaes aos necessarios exames e averiguações sôbre as Cascas amargas Brasilienses, a fim de se-conhecer se a sua virtude he igual á da Quina do Perú⁶³.

O Aviso de 2 de Novembro de 1804 solicitava à Junta dos Três Estados que passasse

[...] as Ordens necessarias a todos os Hospitaes Militares da sua Jurisdicção, para que deixem executar tudo o que sôbre o referido objecto for indicado por parte do mencionado Physico-Mór⁶⁴.

Entretanto, Tomé Rodrigues Sobral, professor de química na Universidade de Coimbra, tinha sido incumbido de efetuar a análise química da “Quina do Brasil”, mas não conseguiu concluí-la, alegando a destruição dos “papeis relativos a este objecto”, devido às invasões francesas⁶⁵. Consequentemente, a Academia Real das Ciências de Lisboa nomeou uma comissão para realizar a “Análise Química das quinas do Brasil, para uso dos Hospitaes Militares”⁶⁶. Assim, em 1811⁶⁷ enviou-se quina do Rio de Janeiro

62. “Respostas e Reflexões Sôbre as Contas de Alguns Dos Médicos, e Cirurgiões,” *Jornal de Coimbra* 6, no. 26, pt. 1 (1814): 142-146.

63. José Feliciano de Castilho, “Reflexões de José Feliciano de Castilho, Sôbre Um Escrito de Bernardino Antonio Gomes, Publicado No Investigador Portuguez Em Inglaterra, Num. XXII. p. 206,” *Jornal de Coimbra* 6, no. 29, pt. 1 (1814): 277-287, 282.

64. Castilho, “Reflexões de José,” 282.

65. José Silvestre Ribeiro, *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia. Tomo II* (Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1872), 303. Recorde-se que Sobral liderou no Laboratório Químico da Universidade de Coimbra o fabrico da pólvora para combater as tropas francesas, aquando das invasões. Por isso, como retaliação pelo trabalho que estava a fazer no fabrico da pólvora, teve a sua casa pilhada e incendiada pelos franceses.

66. José Alberto Teixeira Rebelo da Silva, “A Academia Real das Ciências de Lisboa (1779-1834): ciências e hibridismo numa periferia europeia,” (PhD. Diss, Universidade de Lisboa, 2015), 253.

67. Encontra-se também um relato do suposto envio, em 1810, de 40 arrobas de quina do Rio de Janeiro, para análise química e clínica, pela Academia Real das Ciências no Laboratório

[...] para os Hospitais Militares, a fim de se-ensaiar medicamente: e remetteste igualmente para a Academia R. das Sciencias de Lisboa para se-analisar chimicamente⁶⁸.

Esta comissão concluiu que a quina do Rio de Janeiro era uma verdadeira quina “pertencente á Classe d’aquellas cuja infusão a frio, segundo *Vauquelin*, precipita a Colla, e não o *Tan*[ino], nem o Emetico”⁶⁹, e que conteria cinchonino. B. A. Gomes, pelo contrário, afirmou que os seus estudos apontavam para que aquela casca brasileira não possuísse cinchonino, embora não contestasse que a quina do Rio fosse uma verdadeira quina⁷⁰. O relatório publicado pela comissão ignorou a posição de Gomes (que fazia parte desta comissão, mas que não terá participado nas suas experiências⁷¹). Os trabalhos relativos à “existencia do *Cinchonino*”⁷² foram realizados por José Bonifácio de Andrada e Silva, que não terá terminado essas experiências. Esse facto, como salientou José Silva (2015), pode justificar a diferença de opiniões quanto ao cinchonino⁷³. Alexandre Vandelli também estudou quimicamente cascas brasileiras do Pará comparando-as com a quina amarela, vermelha, e com a chamada quina do Rio de Janeiro. Concluiu que uma das cascas paraenses era uma quina verdadeira de acordo com a classificação de Vauquelin⁷⁴.

Químico da Universidade, nos Hospitais militares e no Hospital da Universidade (“Notas Ao Canto II,” *Jornal de Coimbra* 11, no. 59, pt. 2 (1817): 341-364). Porém, tendo em conta que a Academia Real das Ciências de Lisboa apenas foi incumbida de nomear uma comissão para estudo “das quininas do Brasil” por um Aviso de 22 de Maio de 1811 (Silva, “A Academia Real,” 253) presumimos que o envio apenas terá sido feito em 1811, tal como é relatado no *Jornal de Coimbra* em 1817 (José Feliciano de Castilho, “Resposta de José Feliciano de Castilho a um escrito de Bernardino Antonio Gomes, publicado no Investigador Portuguez em Inglaterra, Num. LXVII. Pag. 260. Num LII. Parte 1,” *Jornal de Coimbra* 10, no. 52, pt. 1 (1817): 217-254, 247).

68. Castilho, “Resposta de José,” 247.

69. José Bonifácio Andrada e Silva *et al.*, “Experiencias Chymicas, sobre a Quina do Rio de Janeiro comparada com outras,” in *Memorias de Mathematica e Physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Tomo 3, Parte 2* (Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências de Lisboa, 1814), 96-118, 115.

70. Gomes, “Ensaio sobre o,” 210.

71. Bernardino Antonio Gomes, “Resposta ao Papel de Jozé Feliciano de Castilho, intitulado “Reflexões, &c.” *Jornal de Coimbra*, No. 35, par.1, p. 201,” *O Investigador Portuguez em Inglaterra* 14, no. LV (1816): 313-325, 323-324.

72. Silva *et al.*, “Experiencias chymicas,” 107.

73. Silva, “A Academia Real,” 255.

74. Alexandre António Vandelli, “Experiencias Sobre duas differentes Cascas do Pará,” in *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Tomo 5, Parte 2* (Lisboa: Typografia da mesma Academia, 1818) 132-142.

Deste modo, estes membros da Academia Real avaliaram as cascas brasileiras através de um método usado por Vauquelin, que consistia na observação das reações de vários reagentes (cola de peixe, tártaro emético, sulfato de ferro, etc.) com infusões e decocções das cascas a analisar, comparando-as com as reações obtidas com as infusões e decocções das quinas conhecidas.

Posteriormente, em 1813, Tomé Rodrigues Sobral foi novamente encarregue de estudar quimicamente a quina do Rio de Janeiro e a quina do Peru. Um Aviso Régio de 6 de Setembro de 1813 afirmava que Tomé Rodrigues Sobral estava a proceder à análise da “Casca amarga, chamada *Quina do Rio de Janeiro*, e da verdadeira *Quina do Perú*” e determinava a apresentação de uma análise química da quina do Rio e da quina do Peru. Requisitava também uma comparação das duas análises e solicitava aos médicos do Hospital da Universidade de Coimbra que aplicassem a quina do Rio na sua prática clínica de forma a poderem apresentar “um corpo de experiencias Clinicas de cada úma das duas Cascas” (quina do Peru e quina do Rio). O Aviso Régio definia que através da comunicação frequente entre Sobral e os médicos sobre os “pontos Chimicos e médicos” se apresentasse

[...] o resultado, quanto possa ser verificado na prática, da comparação das Análises e clinica, por onde se-veja em qual ou quaes dos principios das Cascas, de que se-trata, residem as suas virtudes métricas, quaes das suas preparações são mais activas etc.⁷⁵.

No periódico científico português *Jornal de Coimbra*, revista officiosa da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, encontramos vários relatos do envio de quina do Peru e da chamada quina do Rio de Janeiro para Coimbra⁷⁶. O médico e professor da Universidade de Coimbra José Feliciano de Castilho (1769-1826) também enviou amostras da chamada quina do Rio para alguns médicos seus amigos para que eles pudessem observar a sua ação clínica⁷⁷.

75. Castilho, “Reflexões de José,” 283.

76. Castilho, “Reflexões de José,” 283; José Feliciano de Castilho, “Notícia e Observações Sôbre a Quina Do Rio de Janeiro. (Continuadas Do Num. XXXVIII. Part. I. Pag. 94),” *Jornal de Coimbra* 8, no. 39, pt. 1 (1815): 119-121, 119-120.

77. José Feliciano de Castilho, “Continuação das observações sôbre a quina do Rio de Janeiro em substancia,” *Jornal de Coimbra* 8, no. 42, pt. 1 (1815): 257-300, 257.

Sobral declarou em 1813 que estava a conduzir a análise comparada da quina do Peru e da quina do Rio, e que no Hospital da Universidade estava a realizar-se o estudo da atividade terapêutica de ambas.

Sobral indica que haviam sido descobertas no Brasil

[...] algumas cascas amargas (...) que por suas qualidades sensíveis e ainda, segundo se tem dito, por alguns ensaios clínicos, parecião ter analogias bem fundadas, quando não fossem idênticas, com as verdadeiras quininas do Perú, e poder por consequência substituir-se a estas últimas no tratamento das febres⁷⁸.

Segundo Thomé Rodrigues Sobral, as quininas eram “consideradas como hum medicamento tão reconhecidamente útil pelas suas propriedades anti-periodica e antiseptica”, e a nação portuguesa era “tributaria aos Hespanhoes de sommas incalculaveis pelo commércio passivo da quina Peruviana”⁷⁹.

Os resultados das observações clínicas foram publicados no *Jornal de Coimbra*. Segundo J. F. Castilho, o plano terapêutico para a avaliação clínica da quina e da quina do Rio era o seguinte: de entre os doentes que já tivessem tido um acesso de sezões (ou mais) no hospital, uns tomavam a chamada quina do Rio, outros a quina do Peru; se estas não funcionassem mudava-se para outra preparação com quina, preferencialmente a Água de Inglaterra e, se a Água de Inglaterra não estivesse disponível, utilizar-se-ia o vinho quinado da farmacopeia oficial portuguesa em vigor na época, a *Pharmacopeia Geral*. Os casos a avaliar deviam ser “casos de igual gravidade”. Se estivessem presentes “symptomas gastricos”, o que, segundo Castilho, ocorria frequentemente, administravam-se vomitórios antes dos acessos febris⁸⁰. Não havia aparentemente um fornecimento constante da dita quina do Rio para utilizar nos hospitais⁸¹ e não estavam disponíveis todas as espécies de quina conhecidas para serem testadas⁸². No *Jornal de Coimbra* também se encontra um artigo que relata que, embora a quina do Rio parecesse ser febrífuga, não era tão eficaz e rápida a atuar como a do Peru⁸³. Por outro

78. Thomé Rodrigues Sobral, “Das operações, que se fizerão em Coimbra, a fim de se atalharem os progressos do contágio, que n’êsta cidade se declarou em Agosto de 1809. Outubro de 1813,” *Jornal de Coimbra* 5, no. 22 (1813): 103-138, 106.

79. Sobral, “Das operações,” 106.

80. Castilho, “Notícia e Observações,” 121.

81. Castilho, “Notícia e Observações,” 119.

82. Castilho, “Resposta de José,” 246.

83. “Carta II.ª (1) Aos Srs. Redactores do Jornal de Coimbra,” *Jornal de Coimbra* 11, no. 57, pt. 1 (1817): 173-185, 173.

lado, aparentemente, nalguns casos em que supostamente se testava clinicamente a quina do Rio estava na verdade a utilizar-se quina do Peru, “pois que o Boticario um dia dava a casca Peruviana, e no outro a do Rio, segundo estava mais á mão ésta ou aquella”⁸⁴.

No *Jornal de Coimbra* ressaltam-se as vantagens económicas que resultariam da identificação de um substituto eficaz da quina⁸⁵. Neste periódico relata-se também o caso de um médico em hospitais militares que, sabendo do interesse do físico-mor em obter “observações favoráveis á quina do Rio de Janeiro”, e não tendo tratado nenhum doente com essa casca, pedira a outro médico “que lhe-arranjasse *ad libitum* alguns Diarios que apresentasse ao mesmo Physico Mór: e assim se-fez”⁸⁶. Deste modo, é possível que a necessidade de obter uma alternativa eficaz à quina tenha contribuído para a validação do uso terapêutico das cascas brasileiras.

4. Aplicação clínica da quina em Portugal no primeiro quartel do século XIX descrita em periódico científico e sua prescrição médica no Hospital da Universidade de Coimbra (séculos XVIII-XIX)

O *Jornal de Coimbra* era a única publicação periódica médica da época em Portugal, tendo sido publicado entre 1812 e 1820. Através da leitura do *Jornal de Coimbra* é possível perceber em que doenças e sintomas a quina era recomendada e utilizada. A Portaria de 24 de Outubro de 1812⁸⁷ determinou que os médicos e cirurgiões portugueses que exercessem em estabelecimentos públicos deveriam elaborar as descrições das doenças que encontrassem, suas possíveis causas, e o regime de tratamento que normalmente era eficaz⁸⁸. A portaria determinava que esses relatos fossem publicados no *Jornal de Coimbra*. Foi também emitido um Aviso Régio a 1 de Dezembro de 1812 que solicitava o envio para a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra dessas mesmas descrições relativas às doenças existentes nos

84. “Carta I.^a Aos Senhores Redactores do Jornal de Coimbra,” *Jornal de Coimbra* 9, no. 44, pt. 1 (1816): 77-86, 79.

85. “Utilidade da Quina do Brasil em algumas febres. Por ****,” *Jornal de Coimbra* 2, no. 11 (1812): 374-375; Thomé Rodrigues Sobral, “Das operações,” 106.

86. “Carta I.^a,” 78.

87. “PORTARIA,” *Jornal de Coimbra* 2, no. 10 (1812): 274-275.

88. “PORTARIA,” 275.

hospitais militares e respetivo regime de tratamento, por ser “conveniente” que fossem também publicadas no *Jornal de Coimbra*⁸⁹.

O *Jornal de Coimbra* contém numerosos relatos provenientes da prática clínica de médicos e cirurgiões civis e militares que exerciam em diversas localidades portuguesas. As febres intermitentes (que a historiografia médica relaciona com os acessos da malária⁹⁰) são profusamente referidas, aludindo-se quer a epidemias de febres intermitentes quer ao endemismo destas febres nalgumas localidades em Portugal⁹¹. O médico Antonio Vidal afirma mesmo que “As febres intermitentes e remittentes são tão frequentes n’este paiz que a poucas pessoas perdoão”⁹².

Através da leitura do *Jornal de Coimbra* verifica-se que o tratamento das febres intermitentes incluía frequentemente a quina e as suas preparações. Contudo, a quina normalmente não era a única droga aplicada no tratamento dessas febres. Era combinada com outros produtos medicinais como o ópio, a valeriana ou a serpentaria virginiana⁹³ nalguns medicamentos

-
89. “Aviso Régio expedido pela Secretaria d’Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra ao Dr. José Carlos Barreto, Delegado do Physico Mór do Exercito,” *Jornal de Coimbra* 2, no. 11 (1812): 376.
 90. Institute of Medicine (US) Committee for the Study on Malaria Prevention and Control, *Malaria: Obstacles and Opportunities*, eds. Stanley C. Oaks Jr., Violaine S. Mitchell, Greg W. Pearson, and Charles C.J. Carpenter (Washington (DC): National Academies Press, 1991), 37-38.
 91. “Recopilação das Contas dos Facultativos acima mencionados pag. 73,” *Jornal de Coimbra* 3, no. 13 (1813): 94-104, 95; Emigdio Manoel Victorio da Costa, “Conta do Dr. Emigdio Manoel Victorio da Costa, Médico da Camara das Villas de Soure e Ega,” *Jornal de Coimbra* 3, no. 16 (1813): 354-356, 356; João Pedro Alexandrino Caminha, “Contas das observações na clinica médica, feitas em Benevente; por João Pedro Alexandrino Caminha, Médico em um dos Partidos de Benevente, e no de Çamora Correa,” *Jornal de Coimbra* 10, no. 51, pt. 1 (1817): 169-174, 169.
 92. Antonio Jacintho Vidal, “Breve relação das molestias, que costumão grassar em Villa-Franca de Xira, e póvos, suas causas e tratamento; e das que particularmente grassarão no mez de Janeiro do presente anno, dada por Antonio Jacintho Vidal, médico das Camaras das ditas Villas, Provedoria de Torres-Védras,” *Jornal de Coimbra* 4, no. 19 (1813): 219-223, 221.
 93. Antonio Anastacio de Sousa, “Conta das enfermidades que tem grassado na Villa de Pombal em Dezembro do anno de 1812, até 15 de Janeiro de 1813; por Antonio Anastacio de Sousa, medico do Partido da dita Villa,” *Jornal de Coimbra* 3, no. 16 (1813): 351-354, 352-353; “Recopilação das de mais contas, na qual serão dispostos os objectos por ordem alfabética,” *Jornal de Coimbra* 3, no. 16 (1813): 365-73, 369-370; “Recopilação das contas mensaes dos medicos e cirurgiões, as quaes chegãrão, por via dos provedores das Comarcas, á Intendencia Geral da Policia, e subirão á Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, desde 4 de Março até 3 de Abril, e desde 3 de Abril até 13 de Maio; e das que por via do Physico Mór do Exercito subirão á Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, da Guerra e Marinha desde 27 de Março até 20 de Abril, e desde 20 de Abril até 17 de Maio, tudo de 1813,” *Jornal de Coimbra* 5, no. 21 (1813): 12-30, 25; Antonio Anastacio de Sousa, “Mappa das enfermidades que grassarão na Villa

compostos e também utilizada em associação com outros medicamentos, nomeadamente com evacuantes⁹⁴, purgantes⁹⁵ e eméticos⁹⁶. A utilização da quina ou das suas preparações precedidas de eméticos é apresentada como uma prática frequente⁹⁷. Nalguns dos casos descritos, o uso prévio de outros medicamentos, como os eméticos, fora suficiente para debelar as sezões. Porém, alguns médicos referem o tratamento eficaz das febres intermitentes utilizando apenas quina⁹⁸ ou preparações farmacêuticas com quina⁹⁹, sem ser necessária a sua associação com outros medicamentos.

A quina é apresentada por vários médicos como um *específico* para as febres intermitentes¹⁰⁰, e recomendada como preventivo de recaídas de febres intermitentes¹⁰¹. São descritas terapêuticas alternativas para as febres intermitentes como o ópio, o ruibarbo, as flores de sal amoníaco marciais¹⁰²,

de Pombal, Comarca de Leiria no 2.º semestre do anno de 1814, de suas causas provaveis, e methodo curativo por Antonio Anastacio de Sousa, Médico de Pombal, e correspondente da Instituição Vaccinica da Academia R. das Sciencias," *Jornal de Coimbra* 10, no. 52, pt. 1 (1817): 260-269, 261-262.

94. Joao José da Costa, "Conta das observações pertencentes aos mezes d'Abril e Maio de 1813, por Joao José da Costa, médico em Braga," *Jornal de Coimbra* 5, no. 21 (1813): 95-96, 96.
95. Theotonio Pinto da Cunha, "Extracto Da Conta de Theotonio Pinto Da Cunha, Médico Do Partido Da Villa de O'var, Comarca de Aveiro, Datada a 31 de Dezembro de 1816," *Jornal de Coimbra* 12, no. 61, pt. 1 (1818): 23.
96. "Recopilação das de," 370; Caminha, "Contas das Observações," 170.
97. Emigdio Manoel Victorio da Costa, "Contas do Dr. Emigdio Manoel Victorio da Costa, Médico dos Partidos das Camaras das Villas do Soure e Ega, pertencentes aos mezes de Junho, Julho, Agosto, e Setembro de 1813; recebidas do A. directamente pelos Redactores d'este Jornal no principio de Novembro de 1816," *Jornal de Coimbra* 9, no. 47, pt. 1 (1816): 313-329, 318.
98. "Recopilação das de," 368; Manoel Ignacio de Carvalho Salazar, "Descripção da Villa de Mirandella, e seus contornos, por Manoel Ignacio de Carvalho Salazar," *Jornal de Coimbra* 5, no. 21 (1813): 38-41, 41; Emigdio Manoel Victorio da Costa, "Extracto Da Conta Do Dr. Emigdio Manoel Victorio Da Costa, Médico Dos Partidos de Soure e Ega, Na Provedoria de Leiria, Pertencente Ao Mez de Maio de 1813," *Jornal de Coimbra* 6, no. 28, pt. 1 (1814): 223-225, 224.
99. João Antonio Leal, "Contas dos ultimos sete mezes de 1818; Por João Antonio Leal, Médico do Partido da Camara de Salvaterra de Magos," *Jornal de Coimbra* 15, no. 81, pt. 1 (1819): 102-110, 105.
100. João Pedro Alexandrino Caminha, "Conta Médica, que comprehende os mezes de Agosto, Setembro, Outubro, e Novembro de 1817, por João Pedro Alexandrino Caminha, Médico em um dos Partidos de Benevente, e no de Çamora Correa, e Correspondente da Instituição Vaccinica da Academia R.," *Jornal de Coimbra* 13, no. 68, pt. 1 (1818): 56-61, 58; Vidal, "Breve relação das," 221; Salazar, "Descripção da Villa," 41.
101. "Recopilação das contas mensaes dos medicos e cirurgiões," 25.
102. "Respostas e Reflexões," 144.

entre outras¹⁰³. A propósito do uso abusivo da quina sem conhecer o “estado do enfermo” e as “suas circunstancias” afirma o médico Luiz Barboza com um modo sarcástico:

Santa quina, quantos tens livrado da morte, mas quantos tens tambem lançado na Sepultura ! [...] O conhecimento da virtude febrifuga da quina he tão vulgar, o seu uso se-tem tornado tão trivial, que he reprehendido hum Médico de deixar padecer ao seu enfermo mais de duas cezões, depois de haver hum pronto, e tão efficaz soccorro. Ninguem duvida da efficacia d'este admiravel vegetal (...) mas das melhores cousas se-póde abusar, e abusa realmente¹⁰⁴.

A quina também integrava o tratamento de outras doenças e sintomas tais como: “hydropesias”¹⁰⁵; peripneumonias¹⁰⁶; gota¹⁰⁷; doenças com manifestações cutâneas como a lepra¹⁰⁸ e o sarampo¹⁰⁹; “rheumatismos febris”¹¹⁰; gangrena¹¹¹; “dysenteria maligna”¹¹²; “febre remitente”¹¹³; anorexia¹¹⁴; nas hemorragias gengivais associadas ao escorbuto¹¹⁵; como antisséptico¹¹⁶; e

103. Luiz Soares Barboza, “ANNO 1813. Primeiro Trimestre Nosologico de Leiria,” *Jornal de Coimbra* 5, no. 23 (1813): 291-300, 296.

104. Barboza, “ANNO 1813,” 295.

105. Sousa, “Conta das enfermidades,” 353-354.

106. Sousa, “Conta das Enfermidades,” 354.

107. “Recopilação das de,” 369; “Recopilação das contas mensaes dos medicos e cirurgiões,” 20-21; Antonio D’Almeida, “Quarta, e última conta, pertencente ao anno de 1815; por Antonio d’Almeida, médico do R. Partido da cidade de Penafiel,” *Jornal de Coimbra* 14, no. 78, pt. 1 (1819): 243-245, 243-244.

108. “Resposta a Certos Quesitos Remettidos Pela Junta Da Saude Pública Em Observancia Do Aviso Régio de 26 de Março de 1818 Dirigido á Referida Junta,” *Jornal de Coimbra* 13, no. 72, pt. 1 (1818): 198-212, 203.

109. Manoel Antonio Vieira, “Quatro contas de Manoel Antonio Vieira, médico em Loulé, Comarca do Algarve, pertencentes aos mezes de Setembro, Outubro, Novembro, e Dezembro de 1817,” *Jornal de Coimbra* 12, no. 65, pt. 1 (1818): 187-188, 188.

110. Caminha, “Conta médica, que,” 60.

111. “Recopilação Das Contas Dos Facultativos Mencionados Pag. 167,” *Jornal de Coimbra* 3, no. 15 (1813): 217-229, 222-223.

112. Redactores do Jornal de Coimbra, “Resposta dos Redactores do Jornal de Coimbra ás observações á cêrca do exame crítico da Memoria sôbre a fébre epidemica contagiosa publicado n’este Jornal Vol. II. pag. 63 e 140, feitas por Henrique Xavier Baeta, e insertas no Investigador Portuguez em Inglaterra,” *Jornal de Coimbra* 3, no. 14 (1813): 148-166, 157.

113. Vidal, “Breve relação das,” 222.

114. Caminha, “Conta Médica, que,” 59-60.

115. Sousa, “Mappa das enfermidades,” 268-269.

116. Silvestre da Fonseca Proensa, “Extracto de 4 contas de Silvestre da Fonseca Proensa, Cirurgião da Villa de Penella da Beira, Comarca de Lamego, pertencentes, a 1.^a ao tempo que decorreo

como tónico¹¹⁷. Verifica-se que a quina era aplicada na terapêutica como medicamento de uso interno e externo¹¹⁸. Era frequentemente usada em grandes quantidades¹¹⁹. É também referido o seu preço elevado¹²⁰, ou pelo menos um preço que não permitia a sua utilização pelos mais pobres¹²¹, “que não podião chegar ao preço da Quina”¹²². Segundo o médico Antonio Vidal as pessoas mais pobres recorriam a “remédios particulares, e misteriosos” quando tinham recaídas de febres intermitentes, ao passo que as “pessoas mais abonadas e civilizadas” reconheciam “na quina, e suas preparações o poderoso específico para a sua molestia”¹²³. Referem-se também medicamentos alternativos sem quina para as febres intermitentes nos indivíduos mais pobres¹²⁴. O médico João Caminha refere até preferir uma mistura com outras plantas medicinais que, segundo ele, não perturbavam grandemente a ação da natureza, contrariamente à quina¹²⁵. Declaram-se igualmente os maus resultados causados pela recomendação da quina nas sezões por indivíduos que não eram médicos¹²⁶ (designadamente pelo uso indiscriminado da

desde o Outono de 1816 até o princípio de Março de 1817; 2.^a aos mezes de Março e Abril; 3.^a Maio; 4.^a Junho,” *Jornal de Coimbra* 13, no. 69, pt. 1 (1818): 87-88, 87.

117. Sousa, “Mappa das enfermidades,” 269; João Victorino Pereira da Costa, “Tres contas de João Victorino Pereira da Costa, cirurgião do Partido da Camara, e do Hospital da Misericordia da Villa de Torres-Vedras, pertencentes —1.^a ao anno de 1816, e 1817 até 20 de Fevereiro— 2.^a desde 20 de Fevereiro até 29 de Março,” *Jornal de Coimbra* 11, no. 59, pt. 1 (1817): 313-319, 316.
118. “Recopilação das contas mensaes dos medicos e cirurgiões,” 15.
119. Emigdio Manoel Victorio da Costa, “Contas do Dr. Emigdio Manoel Victorio da Costa, Médico em Soure, pertencentes aos dois mezes de Agosto e Setembro de 1813,” *Jornal de Coimbra* 8, no. 39, pt. 1 (1815): 134-142, 137.
120. Costa, 1813, “Conta do Dr. Emigdio,” 356.
121. João Pedro Alexandrino Caminha, “Continuação das observações médicas de João Pedro Alexandrino Caminha, Médico dos partidos das Villas de Benevente e Çamora Correia; pertencente ao mez de Março de 1813,” *Jornal de Coimbra* 7, no. 34, pt. 1 (1814): 198-200, 199; Antonio Anastacio de Sousa, “Conta das Enfermidades que Reinárão na Villa de Pombal, provedoria de Leiria, no mez d’Abril do anno de 1813, de duas causas e methodo curativo; por Antonio Anastacio de Sousa, médico do Partido de Pombal, e Correspondente da Instituição Vaccinica,” *Jornal de Coimbra* 9, no. 43, pt. 1 (1816): 50-60, 53.
122. Luiz Gonzaga da Silva, “Introducção Histórico-Médica Para as Observações Médicas Em a Villa de Santarêm, Exigidas Pela Portaria de 24 d’Outubro de 1812,” *Jornal de Coimbra* 3, no. 14 (1813): 138-148, 147.
123. Vidal, “Breve relação das,” 221.
124. Caminha, “Continuação das observações,” 199; Leal, “Contas dos ultimos,” 105.
125. Caminha, “Continuação das observações,” 199.
126. Barboza, “ANNO 1813,” 295; Leal, “Contas dos ultimos,” 106.

quina em todas as pessoas que declaravam ter essas febres¹²⁷). Encontram-se também relatos do seu uso em automedicação¹²⁸:

O uso da agoa ingleza, e da quina em pó he tão familiar, e as suas dóses, e quantidades tão conhecidas, que poucas vezes he chamado Facultativo para o caso de simples febres intermitentes, e algumas vezes remittentes¹²⁹.

Segundo José Feliciano de Castilho, a quina era uma “cura quasi infalível de todas as qualidades de cezões”¹³⁰. Castilho acrescentava ainda que

Póde ser indispensavel sangrar, vomitar, purgar, etc. antes de applicar a Quina; e todos os dias succede tornar-se desnecessario este medicamento, porque com a sangria, vomitorio, ou purga, as cezões se-curarão perfeitissimamente¹³¹.

Este professor da Faculdade de Medicina reiteraria essa opinião em 1817:

[...] as cesões são susceptíveis de curar-se na maior parte dos casos com a quina do Perú só: talvez de 50 casos de cesões apenas haverá um que antes da applicação da quina, ou ao mesmo tempo necessite de outro remedio (...) A quina cura cesões: ésta he a regra geral; há com tudo excepções (...) O Clinico deve examinar em todos os casos que lhe-ocorrerem de intermitentes, se o doente está na regra geral, ou na excepção, e em que qualidade d'excepção, a fim de dirigir devidamente o seu tratamento¹³².

A quina alaranjada (que correspondia à “*Cinchona lancifolia* de Mutis — *C. tunita* de Lopes — *C. nitida* de Ruiz e Pavon”¹³³) era, segundo Castilho, a que tinha melhor reputação. No entanto, não haveria uma espécie de quina

127. Leal, “Contas dos ultimos,” 106.

128. Vidal, “Breve Relação das,” 221; Luis Soares Barbosa, “Anno Nosologico de Leiria,” *Jornal de Coimbra* 10, no. 53, pt. 1 (1817): 323-329, 324; Luis Nicoláo de Faria, “Conta de Luis Nicoláo de Faria, Médico do Partido da Villa de Mourão, Comarca d’Elvas, pertencente a Setembro de 1817,” *Jornal de Coimbra* 12, no. 63, pt. 1 (1818): 112-116, 114.

129. Vidal, “Breve relação das,” 221.

130. José Feliciano de Castilho, “Reflexões de José Feliciano de Castilho Sôbre o Plano Para as Observações Da Quina Do Rio de Janeiro, e Outros Objectos de Um Escrito de Bernardino Antonio Gomes, Publicado No Investigador Portuguez Em Inglaterra Num. LV. Pag. 313,” *Jornal de Coimbra* 8, no. 41, pt. 1 (1815): 227-235, 227.

131. Castilho, “Reflexões de José Feliciano de Castilho sôbre o plano para as observações da quina do Rio de Janeiro,” 228.

132. Castilho, “Resposta de José,” 238.

133. Castilho, “Resposta de José,” 243.

necessariamente melhor do que as outras; a escolha deveria “depender do conhecimento do mal que se-quer combater” e “diferentes circunstâncias da mesma especie de quina podem fazer alguma variedade na energia da sua virtude médica”¹³⁴. Adicionalmente, a quina não devia ser aplicada nos casos em que os “estimulantes e os tónicos” fossem contraindicados¹³⁵. Em 1817 Castilho afirma também que

[...] poderemos porém asseverar já com alguma segurança que a nossa quina [do Rio] em substância he um bom febrifugo, muito pouco ou talvez nada inferior á maior parte das quinas officinaes¹³⁶.

José Feliciano de Castilho declara que, para muitos médicos, a quina era indicada na febre intermitente “essencial ou primitiva (...) mas nem sempre será necessaria, ou terá lugar” e que vários médicos a aconselhavam em todas as sezões¹³⁷. Segundo Castilho, embora o seu mecanismo de ação ainda fosse desconhecido “sabemos distinguir este producto de todas as outras substâncias da natureza; e sabemos em que occasiões a sua applicação he de um effeito quasi infallivel e prodigioso”¹³⁸. Para Castilho a quina “em substancia” era o medicamento de quina do Peru com maior atividade¹³⁹ e o cozimento de quina do Peru era pouco febrífugo¹⁴⁰. Esta opinião é corroborada por Bernardino António Gomes: “a Q. P. [Quina Peruviana] em pó hé geralmente reputada mais forte para debellar sezoens que o cozimento”¹⁴¹. Para Gomes a quina não era sempre um remédio eficaz nas sezões e podia mesmo ser desaconselhada, embora curasse a maior parte destas febres¹⁴².

Segundo Manoel Monteiro (um dos médicos que recebeu quina do Rio de Feliciano de Castilho), sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa e correspondente da Instituição Vacínica, os doentes costumavam “tomar

134. Castilho, “Resposta de José,” 245.

135. Castilho, “Resposta de José,” 246.

136. Castilho, “Resposta de José,” 249.

137. Castilho, “Resposta de José,” 240.

138. Castilho, “Resposta de José,” 243.

139. Castilho, “Reflexões de José Feliciano de Castilho sôbre o plano para as observações da quina do Rio de Janeiro,” 228.

140. Castilho, “Reflexões de José Feliciano de Castilho sôbre o plano para as observações da quina do Rio de Janeiro,” 229.

141. Gomes, “Resposta ao papel,” 317.

142. Bernardino Antonio Gomes, “Resposta Ás Denominadas Reflexoens de Jozé Feliciano de Castilho. – (Jorn de C. Nº XLI. p. 1, p. 227),” *O Investigador Portuguez em Inglaterra* 17, no. LXVII (1817): 261-75, 264-265.

cadaúma das doses, ou papeis da Quina do Perú, suspendida em 3 ou 4 onças de infusão de Marcella, e também algumas vezes de Centaurea menor”¹⁴³. Manoel Monteiro também expressou no *Jornal de Coimbra* a sua opinião acerca da atividade da quina nas febres: “as [febres] remittentes, assim como as intermitentes, que actualmente grassão n’estes sítios, cedem facilmente á Quina, sôbretudo se he administrada depois de um emetico”¹⁴⁴.

Monteiro também indica que os portugueses pagavam aos espanhóis “avultadas somas” pela quina do Peru¹⁴⁵.

Outro médico, Antonio de Almeida, também sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, e correspondente da Instituição Vacínica, afirmava que

Pôsto que eu esteja persuadido da efficacia da quina nas molestias periodicas, com tudo não a-reputo por infallivel nem por especifico. Antes da applicação d’este remedio tem o Clinico de examinar no enfermo muitas circunstâncias que lhe-possão aclarar a causa e origem do accesso, para não cair na nota de Empirismo, e applicar quina quando talvez seria necessario purgar, ou sangrar¹⁴⁶.

São ainda mencionadas situações em que a quina não era suficiente para curar febres intermitentes¹⁴⁷, designadamente febres “de diathese maior” em que seriam mais úteis “os incitantes liquidos de preferencia á quina, ou só ou em substancia”¹⁴⁸. Referem-se igualmente os preconceitos que o povo e a população rural teriam em relação à quina¹⁴⁹.

No que concerne ao uso clínico da quina em Portugal neste período, é também necessário referir um estudo anterior¹⁵⁰ de 1954 receitas médicas

143. Castilho, “Continuação das observações,” 275.

144. Castilho, “Continuação das observações,” 275-276.

145. Castilho, “Continuação das observações,” 278.

146. Antonio de Almeida, “Seis contas mensaes de Antonio de Almeida, Médico em Penafiel, Sócio da Acad. R. Das Scienc. de Lisb., e Correspondente da Instit. Vaccin., as quaes pertencem Ao 1.º Semestre do anno corrente 1817,” *Jornal de Coimbra* 11, no. 55, pt. 1 (1817): 3-11, 5.

147. Sousa, “Mappa das enfermidades,” 262.

148. Emigdio Manoel Victorio da Costa, “Conta do Dr. Emigdio Manoel Victorio da Costa, Médico das Camaras das Villas de Soure e Ega, pertencente ao mez de Novembro de 1813,” *Jornal de Coimbra* 9, no. 43, pt. 1 (1816): 34-36, 34-35.

149. “Recopilação das de,” 370; Emigdio Manoel Victorio da Costa, “Contas do Dr. Emigdio Manoel Victorio da Costa, Médico em Soure,” 137.

150. O levantamento e análise do receituário já suscitou a publicação de alguns outros estudos muito desenvolvidos apenas sobre o receituário por parte de alguns dos autores deste artigo.

do Hospital da Universidade de Coimbra (prescritas entre 1779 e 1825¹⁵¹ e preparadas no Dispensatório Farmacêutico). Este estudo revelou a presença da quina em 434 prescrições, números muito superiores aos das outras drogas, representando quase 23% da totalidade das drogas prescritas no lote de receitas médicas estudadas. Estes resultados demonstram a sua importância terapêutica e o conhecimento que dela tinham os médicos prescritores. Este assunto assume ainda mais relevância se pensarmos que no hospital em que estava a ser prescrita se promovia ensino e investigação médica e farmacêutica.

5. Conclusões

Através da análise de literatura científica portuguesa do primeiro quartel do século XIX, verifica-se que, em Portugal, vários médicos preconizaram o uso da quina nas febres intermitentes ou sezões. Para além disso, os estudos de investigação médica da época mostram que a quina também foi integrada no tratamento de outros sintomas febris, da gangrena, da gota, do escorbuto, da disenteria, do reumatismo, de hemorragias de origem diversa, de doenças do foro psiquiátrico ou para a prevenção do aborto.

As receitas preparadas no Dispensatório Farmacêutico do Hospital da Universidade de Coimbra entre o último quartel do século XVIII e o primeiro quartel do século XIX, em que a quina foi prescrita 434 vezes em 1954 receitas, também são elucidativas da importância desta droga americana na terapêutica.

Este estudo permite afirmar a elevada atenção que a Universidade de Coimbra concedeu, na transição do século XVIII para o século XIX, à investigação médico-farmacêutica sobre a quina, bem como à sua prescrição clínica. Não admira que assim fosse visto tratar-se de uma das drogas mais marcantes da história da medicina e da farmácia. ■

151. Ver: Arquivo da Universidade de Coimbra — *Hospitais da Universidade-Receituário médico (papéis avulsos) séc. XVIII-XIX - IV-2.º E-8-1-44 (Caixa)*; *Hospitais da Universidade - Receituário médico (papéis avulsos) séc. XVIII-XIX - IV-2.º E-8-1-45 (Caixa)*; *Hospitais da Universidade - Receituário médico (papéis avulsos); fragmentos de livros de receituário do Hospital Real (Cirurgia), séc. XVIII-XIX - IV-2.º E-8-1-46 (Caixa)*.

Bibliografia

- Adams, Joseph. "Dr. Tavares, on Peruvian Bark in Gout." *The Medical and Physical Journal* XI, no. LXVI (1804): 141-161.
- Almeida, Antonio de. "Seis contas mensaes de Antonio de Almeida, Médico em Penafiel, Sócio da Acad. R. Das Scienc. de Lisb., e Correspondente da Instit. Vaccin., as quaes pertencem Ao 1.º Semestre do anno corrente 1817." *Jornal de Coimbra* 11, no. 55, pt. 1 (1817): 3-11.
- Andrés Turrión, María Luísa. "Las Polémicas de La Quina." in *Ciencia y Técnica En Latinoamérica En El Periodo Virreinal. Vol. 1*, edited by Javier Puerto Sarmiento, 127-149. CESCE, 2005.
- "Aviso Régio expedido pela Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra ao Dr. José Carlos Barreto, Delegado do Physico Mór do Exercito." *Jornal de Coimbra* 2, no. 11 (1812): 376.
- Barboza, Luiz Soares. "ANNO 1813. Primeiro Trimestre Nosologico de Leiria." *Jornal de Coimbra* 5, no. 23 (1813): 291-300.
- Barbosa, Luis Soares. "Anno Nosologico de Leiria." *Jornal de Coimbra* 10, no. 53, pt. 1 (1817): 323-329.
- Caminha, João Pedro Alexandrino. "Continuação das observações médicas de João Pedro Alexandrino Caminha, Médico dos partidos das Villas de Benevente e Çamora Correia; pertencente ao mez de Março de 1813." *Jornal de Coimbra* 7, no. 34, pt. 1 (1814): 198-200.
- Caminha, João Pedro Alexandrino. "Contas das observações na clinica médica, feitas em Benevente; por João Pedro Alexandrino Caminha, Médico em um dos Partidos de Benevente, e no de Çamora Correa." *Jornal de Coimbra* 10, no. 51, pt. 1 (1817): 169-174.
- Caminha, João Pedro Alexandrino. "Conta Médica, que comprehende os mezes de Agosto, Setembro, Outubro, e Novembro de 1817, por João Pedro Alexandrino Caminha, Médico em um dos Partidos de Benevente, e no de Çamora Correa, e Correspondente da Instituição Vaccinica da Academia R." *Jornal de Coimbra* 13, no. 68, pt. 1 (1818): 56-61.
- "Carta I.^a Aos Senhores Redactores do Jornal de Coimbra." *Jornal de Coimbra* 9, no. 44, pt. 1 (1816): 77-86.
- "Carta II.^a (1) Aos Srs. Redactores do Jornal de Coimbra." *Jornal de Coimbra* 11, no. 57, pt. 1 (1817): 173-185.
- Castilho, José Feliciano de. "Reflexões de José Feliciano de Castilho, Sôbre Um Escrito de Bernardino Antonio Gomes, Publicado No Investigador Portuguez Em Inglaterra, Num. XXII. p. 206." *Jornal de Coimbra* 6, no. 29, pt. 1 (1814): 277-287.
- Castilho, José Feliciano de. "Notícia e Observações Sôbre a Quina Do Rio de Janeiro. (Continuadas Do Num. XXXVIII. Part. I. Pag. 94)." *Jornal de Coimbra* 8, no. 39, pt. 1 (1815): 119-121.
- Castilho, José Feliciano de. "Reflexões de José Feliciano de Castilho Sôbre o Plano Para as Observações Da Quina Do Rio de Janeiro, e Outros Objectos de Um Escrito de

- Bernardino Antonio Gomes, Publicado No Investigador Portuguez Em Inglaterra Num. LV. Pag. 313." *Jornal de Coimbra* 8, no. 41, pt. 1 (1815): 227-235.
- Castilho, José Feliciano de. "Continuação Das Observações Sôbre a Quina Do Rio de Janeiro Em Substancia." *Jornal de Coimbra* 8, no. 42, pt. 1 (1815): 257-300.
- Castilho, José Feliciano de. "Resposta de José Feliciano de Castilho a um escrito de Bernardino Antonio Gomes, publicado no Investigador Portuguez em Inglaterra, Num. LXVII. Pag. 260. Num LII. Parte 1." *Jornal de Coimbra* 10, no. 52, pt. 1 (1817): 217-254.
- Cosenza, Gustavo Pereira. "Quinas amargas brasileiras: histórico, perfil fitoquímico e atividade antihiperlipidêmica e antihiperlipidêmica." Phd. Diss, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- Costa, Aloísio Fernandes. *O Problema das Quinas*. Lisboa: Cosmos. Biblioteca Cosmos, 1944.
- Costa, Emigdio Manoel Victorio da. "Conta do Dr. Emigdio Manoel Victorio da Costa, Médico da Camara das Villas de Soure e Ega." *Jornal de Coimbra* 3, no. 16 (1813): 354-356.
- Costa, Emigdio Manoel Victorio da. "Extracto Da Conta Do Dr. Emigdio Manoel Victorio Da Costa, Médico Dos Partidos de Soure e Ega, Na Provedoria de Leiria, Pertencente Ao Mez de Maio de 1813." *Jornal de Coimbra* 6, no. 28, pt. 1 (1814): 223-225.
- Costa, Emigdio Manoel Victorio da. "Contas do Dr. Emigdio Manoel Victorio da Costa, Médico em Soure, pertencentes aos dois mezes de Agosto e Setembro de 1813." *Jornal de Coimbra* 8, no. 39, pt. 1 (1815): 134-142.
- Costa, Emigdio Manoel Victorio da. "Contas do Dr. Emigdio Manoel Victorio da Costa, Médico dos Partidos das Camaras das Villas do Soure e Ega, pertencentes aos mezes de Junho, Julho, Agosto, e Setembro de 1813; recebidas do A. directamente pelos Redactores d'este Jornal no principio de Novembro de 1816." *Jornal de Coimbra* 9, no. 47, pt. 1 (1816): 313-329.
- Costa, Jacinto da. *Pharmacopea Naval, e Castrense*. Tomo II. Lisboa: Impressão Regia, 1819.
- Costa, Joao José da. "Conta das observações pertencentes aos mezes d'Abril e Maio de 1813, por Joao José Da Costa, médico em Braga." *Jornal de Coimbra* 5, no. 21 (1813): 95-96.
- Costa, João Victorino Pereira da. "Tres contas de João Victorino Pereira da Costa, cirurgião do Partido da Camara, e do Hospital da Misericordia da Villa de Torres-Vedras, pertencentes — 1.^a ao anno de 1816, e 1817 até 20 de Fevereiro— 2.^a desde 20 de Fevereiro até 29 de Março." *Jornal de Coimbra* 11, no. 59, pt. 1 (1817): 313-319.
- Crespo, Fernando Ortiz. "Monardes y Fragoso: Dos Protobotánicos Del Siglo XVI Que Se Ocuparon de Las Plantas Del Nuevo Mundo y Las Implicaciones de Sus Escritos Sobre La Introduccíon Europea de La Corteza Del Árbol de 'Quina' (Cinchona)." In *Uso y Manejo de Recursos Vegetales. Memorias Del Segundo Simposio Ecuatoriano de Etnobotánica y Botánica Económica*, edited by Montserrat Rios and Henrik Borgtoft Pedersen, 347-60. Quito: Ediciones Abya-Yala, 1997, 347.
- Cunha, Theotonio Pinto da. "Extracto Da Conta de Theotonio Pinto Da Cunha, Médico Do Partido Da Villa de O'var, Comarca de Aveiro, Datada a 31 de Dezembro de 1816." *Jornal de Coimbra* 12, no. 61, pt. 1 (1818): 23.

- Dias, José Pedro Sousa. *A Água de Inglaterra. Paludismo e Terapêutica em Portugal no século XVIII*. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2012.
- Faria, Luis Nicoláo de. "Conta de Luis Nicoláo de Faria, Médico do Partido da Villa de Mourão, Comarca d'Elvas, pertencente a Setembro de 1817." *Jornal de Coimbra* 12, no. 63, pt. 1 (1818): 112-116.
- Gachelin, G.; P. Garner, E. Ferroni, U. Tröhler, and I. Chalmers. "Evaluating Cinchona Bark and Quinine for Treating and Preventing Malaria." *Journal of the Royal Society of Medicine* 110, no. 2 (2017): 73-82.
- Gomes, Bernardino António. "Ensaio Sobre o Cinchonino, e Sobre Sua Influencia Na Virtude Da Quina, e d'outras Cascas." In *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Tomo 3. Parte 1.*, 201-16. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, 1812.
- Gomes, Bernardino Antonio. "Resposta ao papel de Jozé Feliciano de Castilho, intitulado 'Reflexoens, &c.' Jornal de Coimbra, No. 35, Par. 1, p. 201." *O Investigador Portuguez Em Inglaterra* 14, no. LV (1816): 313-325.
- Gomes, Bernardino Antonio. "Resposta Às Denominadas Reflexoens de Jozé Feliciano de Castilho. —(Jorn de C. Nº XLI. p. 1, p. 227)." *O Investigador Portuguez Em Inglaterra* 17, no. LXVII (1817): 261-275.
- Silva, José Alberto Teixeira Rebelo da. "A Academia Real das Ciências de Lisboa (1779-1834): ciências e hibridismo numa periferia europeia." Phd. Diss, Universidade de Lisboa, 2015.
- Junior, Andrew Duncan. "Letter from ANDREW DUNCAN, M. D. F. R. S. E. containing experiments and observations on cinchona, tending particularly to shew that it does not contain gelatine." *Nicholson's Journal* 6, no. December (1803): 225-228.
- Leal, João Antonio. "Contas dos ultimos sete mezes de 1818; Por João Antonio Leal, Médico do Partido da Camara de Salvaterra de Magos." *Jornal de Coimbra* 15, no. 81, pt. 1 (1819): 102-110.
- Leroy, Alphonse. *Manuel des goutteux et des rhumatisans, ou recueil de remèdes contre ces maladies. seconde édition, augmentée de la traduction de l'ouvrage du Docteur Tavares, sur un art nouveau de guérir les paroxismes de la goutte; et de la preuve qu'elle siége primiti*. 2nd ed. Paris: Méquignon l'aîné, Libraire de l'École et de la Société de Médecine, 1805.
- Linnaeus, Carl. *Genera Plantarum*. 2nd ed. Lugduni Batavorum: apud Conradum Wishoff, et Georg. Jac. Wishoff., 1742.
- Linnaeus, C. *Species Plantarum: Exhibentes Plantas Rite Cognitas Ad Genera Relatas. Tomo I*. Holmiae: L. Salvii, 1753.
- Marques, Vera Regina Beltrão. *Natureza em Boiões: Medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Memória-Unicamp, 1999.
- "Notas Ao Canto II." *Jornal de Coimbra* 11, no. 59, pt. 2 (1817): 341-364.
- Institute of Medicine (US) Committee for the Study on Malaria Prevention and Control. *Malaria: Obstacles and Opportunities*, edited by Stanley C. Oaks Jr., Violaine S. Mitchell, Greg W. Pearson, and Charles C.J. Carpenter. Washington (DC): National Academies Press, 1991.

- “OBSERVAÇÕES ANONIMAS (1) SÔBRE UM ARTIGO DO INVESTIGADOR N.º LXVI. PAG. 172, QUEM TEM POR TITULO Exposição Dos Novos Progresos Que Fizerão as Sciencias Physicas.” *Jornal de Coimbra* 10, no. 53, pt. 1 (1817): 289-314.
- P[AIVA], M. J. H. de. *Memoria Sobre a Excellencia, Virtudes, e Uso Medicinal Da Verdadeira Agua de Inglaterra da Invenção do Dr. Jacob de Castro Sarmiento*. Lisboa: Impressão Regia, 1816.
- Pelletier, and Caventou. “Des recherches chimiques sur le Quinquinas.” *Annales de Chimie et de Physique* 15 (1820): 289-318; 337-365.
- Pinto, António José de Sousa. *Pharmacopea Chymica, Medica, e Cirurgica, Em Que Se Expõem Os Remedios Simples, e Compostos, Suas Virtudes, Preparação, Doses, e Molestias, a Que São Applicaveis*. Lisboa: Impressão Regia, 1805.
- “PORTARIA.” *Jornal de Coimbra* 2, no. 10 (1812): 274-275.
- Proensa, Silvestre da Fonseca. “Extracto de 4 contas de Silvestre da Fonseca Proensa, Cirurgião da Villa de Penella da Beira, Comarca de Lamego, pertencentes, a 1.ª ao tempo que decorreo desde o Outono de 1816 até o princípio de Março de 1817; 2.ª aos mezes de Março e Abril; 3.ª Maio; 4.ª Junho,” *Jornal de Coimbra* 13, no. 69, pt. 1 (1818): 87-88.
- “Recopilação Das Contas Dos Facultativos Mencionados Pag. 167.” *Jornal de Coimbra* 3, no. 15 (1813): 217-229.
- “Recopilação das Contas dos Facultativos acima mencionados pag. 73.” *Jornal de Coimbra* 3, no. 13 (1813): 94-104.
- “Recopilação das de mais contas, na qual serão dispostos os objectos por ordem alfabética.” *Jornal de Coimbra* 3, no. 16 (1813): 365-373.
- “Recopilação das contas mensaes dos medicos e cirurgiões, as quaes chegarão, por via dos provedores das Comarcas, á Intendencia Geral da Policia, e subirão á Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, desde 4 de Março até 3 de Abril, e desde 3 de Abril até 13 de Maio; e das que por via do Physico Mór do Exercito subirão á Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, da Guerra e Marinha desde 27 de Março até 20 de Abril, e desde 20 de Abril até 17 de Maio, tudo de 1813.” *Jornal de Coimbra* 5, no. 21 (1813): 12-30.
- D’Almeida, Antonio. “Quarta, e última conta, pertencente ao anno de 1815; por Antonio d’Almeida, médico do R. Partido da cidade de Penafiel.” *Jornal de Coimbra* 14, no. 78, pt. 1 (1819): 243-245.
- Redactores do Jornal de Coimbra. “Resposta dos Redactores do Jornal de Coimbra ás observações á cêrca do exame crítico da Memoria sôbre a fêbre epidemica contagiosa publicado n’este Jornal Vol. II. pag. 63 e 140, feitas por Henrique Xavier Baeta, e insertas no Investigador Portuguez em Inglaterra.” *Jornal de Coimbra* 3, no. 14 (1813): 148-166.
- “Resposta a Certos Quesitos Remettidos Pela Junta Da Saude Pública Em Observancia Do Aviso Régio de 26 de Março de 1818 Dirigido á Referida Junta.” *Jornal de Coimbra* 13, no. 72, pt. 1 (1818): 198-212.
- “Respostas e Reflexões Sôbre as Contas de Alguns Dos Médicos, e Cirurgiões.” *Jornal de Coimbra* 6, no. 26, pt. 1 (1814): 142-146.

- Ribeiro, José Silvestre. *Historia Dos Estabelecimentos Scientificos Litterarios e Artisticos de Portugal Nos Successivos Reinados Da Monarchia. Tomo II*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1872.
- Salazar, Manoel Ignacio de Carvalho. "Descrição da Villa de Mirandella, e seus contornos, por Manoel Ignacio de Carvalho Salazar." *Jornal de Coimbra* 5, no. 21 (1813): 38-41.
- Semedo, Maria Guilherme, and João Rui Pita. "L'isolement de la cinchonine par Bernardino António Gomes (1768-1823) et l'importance de la science française dans la diffusion de sa découverte." *Revue d'histoire de la Pharmacie* LXVIII, no. 408 (2020): 423-432.
- Semedo, Maria Guilherme, Nuno Dias-Silva, Jorge Miguéis, and João Rui Pita. "Quinine in otology and neurotology: ototoxicity and historic role in therapy." *Otology & Neurotology* 42, no. 1 (2021): 145-152. <https://doi.org/10.1097/MAO.0000000000002809>.
- Silva, José Bonifácio Andrada e; Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, João Croft, Bernardino Antonio Gomes. "Experiencias Chymicas, sobre a Quina do Rio de Janeiro comparada com outras." In *Memorias de Mathematica e Physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Tomo 3, Parte 2., 96-118. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências de Lisboa, 1814.
- Silva, Luiz Gonzaga da. "Introdução Histórico-Médica Para as Observações Médicas Em a Villa de Santarêm, Exigidas Pela Portaria de 24 d'Outubro de 1812." *Jornal de Coimbra* 3, no. 14 (1813): 138-148.
- Sobral, Thomé Rodrigues. "Das operações, que se fizerão em Coimbra, a fim de se atalharem os progressos do contágio, que n'êsta cidade se declarou em Agosto de 1809. Outubro de 1813." *Jornal de Coimbra* 5, no. 22 (1813): 103-138.
- Sobral, Thomé Rodrigues. "Reflexões geraes sôbre as difficuldades de uma Boa Anályse, principalmente Vegetal, para servirem de resposta a uma pergunta, que se-fez ao author Dr. Thomé Rodrigues Sobral." *Jornal de Coimbra* 7, no. 36, pt. 1 (1814): 251-266.
- Sobral, Thomé Rodrigues. "Memória sôbre o principio febrifugo das quinas." *Jornal de Coimbra* 15, no. 82, pt. 1 (1819): 126-153.
- Sousa, Antonio Anastacio de. "Conta das enfermidades que tem grassado na Villa de Pombal em Dezembro do anno de 1812, até 15 de Janeiro de 1813; por Antonio Anastacio de Sousa, medico do Partido da dita Villa." *Jornal de Coimbra* 3, no. 16 (1813): 351-354.
- Sousa, Antonio Anastacio de. "Conta das Enfermidades que Reinarão na Villa de Pombal, provedoria de Leiria, no mez d'Abril do anno de 1813, de duas causas e methodo curativo; por Antonio Anastacio de Sousa, médico do Partido de Pombal, e Correspondente da Instituição Vaccinica." *Jornal de Coimbra* 9, no. 43, pt. 1 (1816): 50-60.
- Sousa, Antonio Anastacio de. "Mappa das enfermidades que grassarão na Villa de Pombal, Comarca de Leiria no 2.º semestre do anno de 1814, de suas causas provaveis, e methodo curativo por Antonio Anastacio de Sousa, Médico de Pombal, e correspondente da Instituição Vaccinica da Academia R. das Sciencias." *Jornal de Coimbra* 10, no. 52, pt. 1 (1817): 260-269.

- Tavares, Francisco. *Observações e reflexões sobre o uso proveitoso e saudavel da quina na gota*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1802.
- Tavares, Francisco. *Manual dos gotosos e de rheumaticos para uso dos proprios enfermos*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1810.
- Vandelli, Alexandre António. “Experiencias Sobre duas diferentes Cascas do Pará.” In *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Tomo 5, Parte 2., 132-142. Lisboa: Typografia da mesma Academia, 1818.
- Vidal, Antonio Jacintho. “Breve relação das molestias, que costumão grassar em Villa-Franca de Xira, e póvos, suas causas e tratamento; e das que particularmente grassarão no mez de Janeiro do presente anno, dada por Antonio Jacintho Vidal, médico das Camaras das ditas Villas, Provedoria de Torres-Védras.” *Jornal de Coimbra* 4, no. 19 (1813): 219-223.
- Vieira, Manoel Antonio. “Quatro contas de Manoel Antonio Vieira, médico em Loulé, Comarca do Algarve, pertencentes aos mezes de Setembro, Outubro, Novembro, e Dezembro de 1817.” *Jornal de Coimbra* 12, no. 65, pt. 1 (1818): 187-188. ■

